

O QUILOMBO DOS PALMARES:
UMA INTERPRETAÇÃO ETNOHISTÓRICA
(Trecho de um novo livro)

POR DIRCEU LINDOSO

O que tentamos neste trabalho é reestudar certos temas sugeridos durante a composição do livro *A Razão Quilombola*, e que mereciam uma explanação mais amplas, e que justifique o que fiz, segundo o prof. Bruno Cesar Cavalcanti, *um quadro de referência* para os atuais estudos sobre as culturas africanas no Brasil Colonial do século XVII. Achei que estabelecido esse quadro referência, e construído da maneira que o foi, carecia de certas referências no que concerne ao tema Razão e Cultura, no que toca a certas construções teóricas, e principalmente ao tema, para mim importante, das constituições de ideologias no universo quilombola seiscentista. Isto porque esse tema tomou, escrito o livro, um valor impressionante, que dá transparência ao fato da existência de um conflito entre ideologias em oposição numa sociedade, com a do Quilombo dos Palmares, constituída de valores culturais etnográficos. Uma sociedade de constituição arcaica, onde não comparecia uma constituição de classes antagônicas. Entretanto surgida entre dois complexos sociais de classes: os currais de gado do sertão, constituídas de vaqueiros-proprietários, possuidores de um capital de investimento de pastoreio, e que era alimentado pelas feiras e fazendas de gado de São Paulo de Piratininga e pelo Continente do Rio Grande; por vaqueiros-tangedores, constituídos por índios-servos dos Colégios de Padres, encarregados da catequese das tribos Tapuia-Kariri que se deslocavam em migração ao longo do Grande Sertão da Cordilheira da Borborema no sentido norte-sul até alcançar as vertentes do rio São Francisco de Borja. E um segundo complexo formado por uma dupla escravidão: a escravidão da casa grande & senzala, constituída pelos engenhos de açúcar, e da escravidão de sobrados & mocambos, dotado de porto de exportação de açúcar do complexo urbano de Olinda-Recife. Em meu livro designei esse quadro de referência quilombola de *sociedade alternativa*. Pois aqui trato de um fato, que escrito o livro, achei de grande importância, e aqui faço seu estudo. É que nessa sociedade alternativa criada por negros fugidos do trabalho da escravidão dos engenhos produtores de açúcar surgiu, embora essa sociedade não fosse uma sociedade de classes, duas correntes ideológicas em oposição, e cujo choque maior entre elas foram os distúrbios de Cucaú no século XVII. E descrevendo a grande área de ocupação geográfica do Quilombo dos Palmares nas matas úmidas de solo massapé, onde se abriam, nos escondidos das matas, as aldeias com cerca reais mocambeiras, e onde vivia um povo primitivo em comunidades sem classes, encontrei, ao contrário do que pesavam Marx e Engels, a ocorrência de correntes ideológicas, que se chocaram e levaram ao fim o Quilombo dos Palmares. Porque a reflexão de Marx e Engels coloca a ideologia como uma falsa consciência ocorrente numa sociedade dividida em classes sociais antagônicas. Esse o ponto mais sério do meu debate aqui. Será que a ideologia é um processo social próprio às sociedades dotadas de classes sociais antagônicas? Esse é o motivo maior deste meu estudo.

O outro ponto é que há quem pense que a razão é propriedade de certas classes sociais (a burguesa, por exemplo) ou apenas aparece na Civilização e nem todas as culturas a conhecem. Isto ocorre, digo essa forma de pensamento, quando certas civilizações admitem que a Razão é uma propriedade apenas delas. Confundindo o fato humano da Razão com uma situação que lhe é própria como civilização. Mostro aqui o contrário de tudo isto. Digo que a Razão antecede os fatos das culturas e muito mais os fatos das civilizações. O homem cria a Cultura quando já possui a Razão. Quando vive no mundo paleolítico e no mundo neolítico. Quando sabe lascas a pedra e polir a pedra. Isto é, quando trabalhou o irracional e o supera e transcende. Quando com o cérebro e a mão inventou o trabalho. A ideologia se conhece desde as sociedades primitivas, com indicam os estudos de Bronslav Malinovsky com os indígenas do Estreito de Torres.

A Razão é um processo humano que independe das culturas. Todas as culturas têm seu conteúdo racional. As culturas não são as antedecências. As antedecências estão na antedecência da Razão. O conteúdo, por exemplo, da cultura bororo se revela no seu complexo sistema de parentesco, que é uma elaboração altamente teórica. É a cultura bororo uma cultura primitiva? Em que sentido o complexo é primitivo? A Razão é um fenômeno humano, e não apenas cultural. A Razão está no pré-histórico lascador de pedra do Paleolítico e no polidor de pedra do Neolítico. A Razão se forma no cérebro do homem; a Cultura se faz na criação social. Da Razão do lascador de pedra

forma-se a cultura paleolítica; da Razão do polidor de pedra forma-se a cultura neolítica. Da Razão dos índios bororo forma-se a cultura indígena bororo, cujo núcleo racional é o complexo sistema de parentesco. As culturas, por sua vez, dependem da Razão. O *homem do Neandertal* desapareceu porque *permaneceu* só numa *situação de razão*, enquanto o *homem do Cro-Magnon* não desapareceu porque *evoluiu* para um *estado de razão*. Isto é o que nos insinua a transparência da Pré-História. O homem que alcança a razão é hoje o homem da Etnologia e o homem da História. O homem da Pré-História não existe mais. Desapareceu para sempre em seus ostreiros, onde viveram em grupos primitivos, e morreram. Com o *homem do Neandertal* tudo indica que aconteceu um fato acidental.

Entenda-se, aqui, por homem primitivo inicial o que, em situação pré-histórica inicial, criou uma situação esparsa de elaboração de uma conteúdo cerebral que conduziu à formação, ainda precária, de uma forma primitiva de *ratio*. Foi esse núcleo esparso de razão que possibilitou a criação de um primeiro estágio de *ratio*: a de situação de uma forma de razão. Isto é, de razão pré-histórica primitiva. Acreditamos que esse núcleo primitivo inicial pré-histórico, que simplesmente sumiu, podemos chamar de *núcleo neandertalense*.

Com o *homem do Neandertal* tudo indica que seu desaparecimento se deve a um fato acidental. Ele vivia juntamente com o *homem do Cro-Magnon* a Pré-História quando ocorreu seu desaparecimento. Seus esqueletos encontrados são pouquíssimos, enquanto os esqueletos do *homem do Cro-Magnon* se espalham pelo Terra numa extensão continental. Quem era, pois, o *homem do Neandertal*, e porque sua presença pré-história é restrita? Quem era, pois, o *homem de Neandertal*? Dele se sabe pouco. Sabemos que nós somos os descendentes do *homem do Cro-Magnon*, e que em nossa evolução racional criamos culturas e civilizações, e somos de uma espécie que se tornou dona unívoca da Terra. A história das culturas na Terra é a história dos descendentes do *homem do Cro-Magnon*, e que ele aparece como o dono único da Razão. E o *homem de Neandertal* aonde foi? Onde ficou parado depois de ser o criador da primitiva forma de Razão? Que acidente ocorreu ao *homem do Neandertal*, que provocou o seu sumiço?

O acidente foi o da miscigenação, com o *homem do Cro-Magnon* em maioria predominando na continuidade da espécie, e o *homem do Neandertal* deixando na espécie humana só poucos de seus traços biológicos? A resposta a essa pergunta só os antropólogos físico podem dar, e não um etnólogo por mais genial. Nós só podemos dar respostas culturais que sejam para perguntas culturais. O etnólogo é um prisioneiro da cultura. Só fazemos perguntas que sejam culturais, e só damos respostas culturais para perguntas culturais. Este é o círculo de ferro a que o etnólogo está preso. Fora disso é o puro imaginário.

Estou a escrever um texto difícil sobre a relação entre Razão e Cultura, porque implica um saber das antecipações humanas da Pré-história que não as temos com precisão, mas que sabemos que não estão muito longe do que escrevemos. Imaginar o homem que é, já é difícil, avalie o que é imaginar o homem que foi. Pois as culturas se formaram a partir dos homens que foram. As culturas se formaram a partir do homem dividido entre grupos Neandertal e grupos Cro-Magnon. Que não eram realmente duas espécies, mas uma só espécie vivendo a duplicidade biológica neandertaliana e cro-magnoniana. Uma pacata, outra arrogante. E aonde foram os pacatos neandertalianos? E por que ficamos nós, os arrogantes cro-magnonianos? Mas ambos viveram a criação da Razão. A Razão no homem foi um processo universal. Que acidente parou a caminhada dos neandertalianos, e deu prosseguimento aos cro-magnonianos? Ambos deram um salto para a Razão cortando e polindo pedras, e isso depois de deslocar a posição do cérebro para a frente da testa e desenvolver o uso do dedo polegar para o uso de abarcar as ferramentas. E desse novo uso do cérebro e do polegar, pensando e fazendo, o homem --- seja Neandertal ou Cro-Magnon --- criou a Cultura com o trabalho de quebrar e polir pedras --- e de fazer o fogo batendo duas pedras ou rodando dois toletes de madeira igníferos um sobre o outro. Começou, então, a produzir uma *segunda natureza*, que se foi afastando cada vez mais da verdadeira Natureza, e com o fogo e instrumentos líticos, dirigidos pelo cérebro lançado à frente no crânio e manobrando os instrumentos com a mão de garra dotada de dedo polegar, os homens --- seja de Neandertal, seja de Cro-Magnon --- criaram a Cultura. O mistério do desaparecimento de um e da sobrevivência de outro continua. Como se vai resolvê-lo, pela Antropologia Física ou pela Etnologia? Ambas essas ciências se encontram hoje em desenvolvimento. E o *homo sapiens*, que surgiu do homem do Cro-Magnon, é quem se *apresenta* para resolvê-lo.

AS FORMAS BÁSICAS DAS CULTURAS PRÉ-HISTÓRICAS

Os estudos das formas primitivas de culturas conduzem a um esboço de formas de culturas básicas, por sua vez, sob a forma de grupos culturais e étnicos distribuídos por toda a Terra. As culturas se formam sob um modelo de organizações sociais, com características próprias e dotadas de traços culturais semelhantes ou diferenciais. A humanidade atual que habita toda Terra não é, somaticamente, homogênea. O nosso planeta é habitado, do ponto de vista humano, por grupos étnicos de feições, cor e tamanhos diferentes. As feições por suas combinações físicas, a cor difere por motivos do meio, maior incidência ou menor de luminosidade do meio físico onde vivem, e o tamanho parecem depender do regime alimentar longo a que se submeteu. O tipo físico depende do meio físico, o tamanho talvez dependa do regime alimentar sobretudo, e a variedade de cor predominantemente da incidência dos raios solares sobre a estrutura da pele. Mas essas são preocupações de um antropólogo físico, e não de um cientista social. E é devido ao cruzamento desses fatores na espécie humana que se alteram as cores da pele e os aspectos somatológicos que fixam as diferentes feições humanas.

Ma as culturas são, por si, independentes desses cruzamentos biológicos. As culturas se transmitem por fatores não-biológico. Isto é, por fatores sócio-culturais. Um tipo de cultura se pode transmitir de um a outro membro da espécie humana, sem nada afetar de sua estrutura física. A cultura é fundamentalmente a-biológica, e se transmite sem dificuldades de um a outro elemento da espécie humana, sem alterar a cor de ninguém nem a herança biológica de quem quer que seja. Aqui cabe uma pergunta que não sei responder: se há diferença entre o esqueleto do homem do Neandertal e o esqueleto do homem do Cro-Magnon, há diferenças entre eles da estrutura biológica? Esta pergunta cabe a um antropólogo físico responder, e a deixo em aberto. Mas uma coisa admito: do ponto de vista da criação da Razão ou da Cultura, não. Ambos eles criaram a Razão, e com ela a Cultura. A Razão como processo cerebral; a Cultura como processo social. Com essas premissas podemos iniciar nosso discurso sobre o que é racional, e sobre o que é cultural.

Racional é todo processo proveniente de uma gestão cerebral; e cultural é o processo proveniente da ação do cérebro sobre o processo do homem sobre a natureza, e de um modo, que reproduz uma forma de existência social oposta, como produto, à ação apenas cerebral. Pois, o fato cultural se realiza com a ação conjunta racial sobre o objeto que o homem trabalha com a mão. Mão em garra com o polegar desenvolvido. E com esse auxílio cérebro e polegar o homem pode inventar instrumento que moldura objetos naturais, como a pedra, tal como se encontra na natureza, transformada pelo trabalho do cérebro e o polegar, em: pedra lascada e pedra polida. E daí formando para os homens da Pré-História, uma cultura do Neandertal e uma cultura do Cro-Magnon. Essas culturas pré-históricas possibilitam aos homens do primitivo pré-histórico um tipo de ação sobre a Natureza que dá como resultado o trabalho como forma de produção, e que altera os modos desses homens que se organizaram em grupos que produzem, pela ação comum, os objetos culturais. Isto é, os objetos com que eles organizaram seus modos de vida primitivos: instrumentos de trabalhos, formas de estabelecer suas moradias, modos de estabelecer relações sociais de grupos a grupos, veículos primitivos de transportes aquáticos(canoas, balsas, etc.) e de transportes terrestres(transportes por força animal(puxados por animais treinados com as formas de repuxos mecânicos: trenós para o gelo, animais de carga por força animal e humana, etc.).

As culturas se formam com as combinações de traços culturais, e essas combinações possibilitam todas as formas de locomoção primitivas, com distâncias curtas e longas, e principalmente as longas distância das migrações. E as diferentes formas de vestir-se: para se defender das intempéries e para satisfazer seus instintos de ornamentação. São essas combinações que estabelecem a formação das culturas, e as fazem produtos diferenciais de uma mesma necessidade social: de proteger-se e de programar-se artisticamente. As formas básicas das culturas pré-histórias formam a diversidades das combinações dos traços culturais, criando, desse modo, as formas básicas das culturas primitivas atuais. O elemento dessa pré-história nas culturas primitivas atuais não está nos produtos que elas apresentam a nossos olhos atuais, mas nas técnicas de elaboração dessas formas culturais básicas nas culturas primitivas atuais. O que admira no sistema de parentesco dos bororo é, justamente, a técnica usual

complexa de relacionamentos humanos, fazendo que no sistema bororo a linha de matrilinearidade faz que a *ego mulier* tenha 227 parentes e o *ego vir* tenha 119 parentes.(César Albisetti e Ângelo Jayme Venturelli, *Enciclopédia Bororo*, I, Museu Regional Dom Bosco, Campo Grande,1962). E isso ocorre porque o sistema de parentesco bororo é classificatório, e não consanguíneo. E a linha de parentesco é matrilinear, tendo uma linha de sucessão matrilinear principal a partir de *ego mulier* e a linha de sucessão complementar a partir de *ego vir*. Lewis Henry Morgan mostrou, em seu livro *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*(Smithsonian,1871), que o sistema classificatório de parentesco cobria toda a Terra. E diz ainda Morgan, que uma criação da humanidade original, se desenvolve nas outras fases. Ou como escreve: *The principal institutions of mankind originated in savagery, were developed in barbarism, and are maturing in civilization* (pág.xxx). Em seu livro célebre *Les Races et les Peuples de la Terre*(Paris, Masson, 1926), J. Deniker propõe em prefácio à primeira edição a união da Antropologia e da Etnografia. Ademais Deniker diz que o deslocamento do cérebro ocorreu entre os Neandertal e jamais se modificou na espécie humana. E reconhece, no início do livro, que os agrupamentos humanos *massés et éparpillés* segundo a região, pela superfície da Terra, e que estão longes de oferecer uma tabela homogênea, e que se precisa fazer uma tabela sistemática no estudo desses grupos. E que em cada região ocorrem variações no tipo físico, na língua e nos usos e costumes. E que se precisa usar uma certa ordem para o estudo dessas variedades culturais. E assim estudar a vida física e psíquica do homem e os fenômenos sociais que apresentam os grupos humanos. Precisamos definir certos conceitos, como *povo*, *nação*, tribo, *raça* e *espécie*. Em resumo: todas as designações dos diferentes grupos reais ou teóricos de seres humanos.